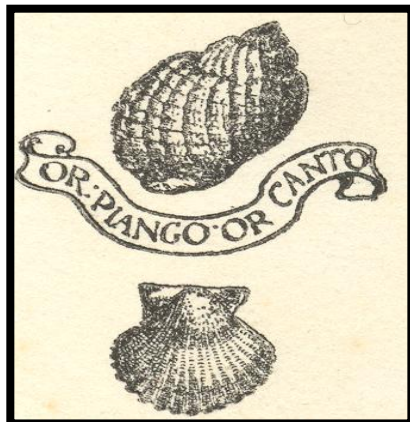




Ciclo de conferências **PATRIMÔNIO, COMUNIDADE E GLOBALIZAÇÃO (IPL)**

AFONSO LOPES VIEIRA: do Homem à CMALV por Cristina Nobre (ESECS, aud. 2 - 12.XII.2012)





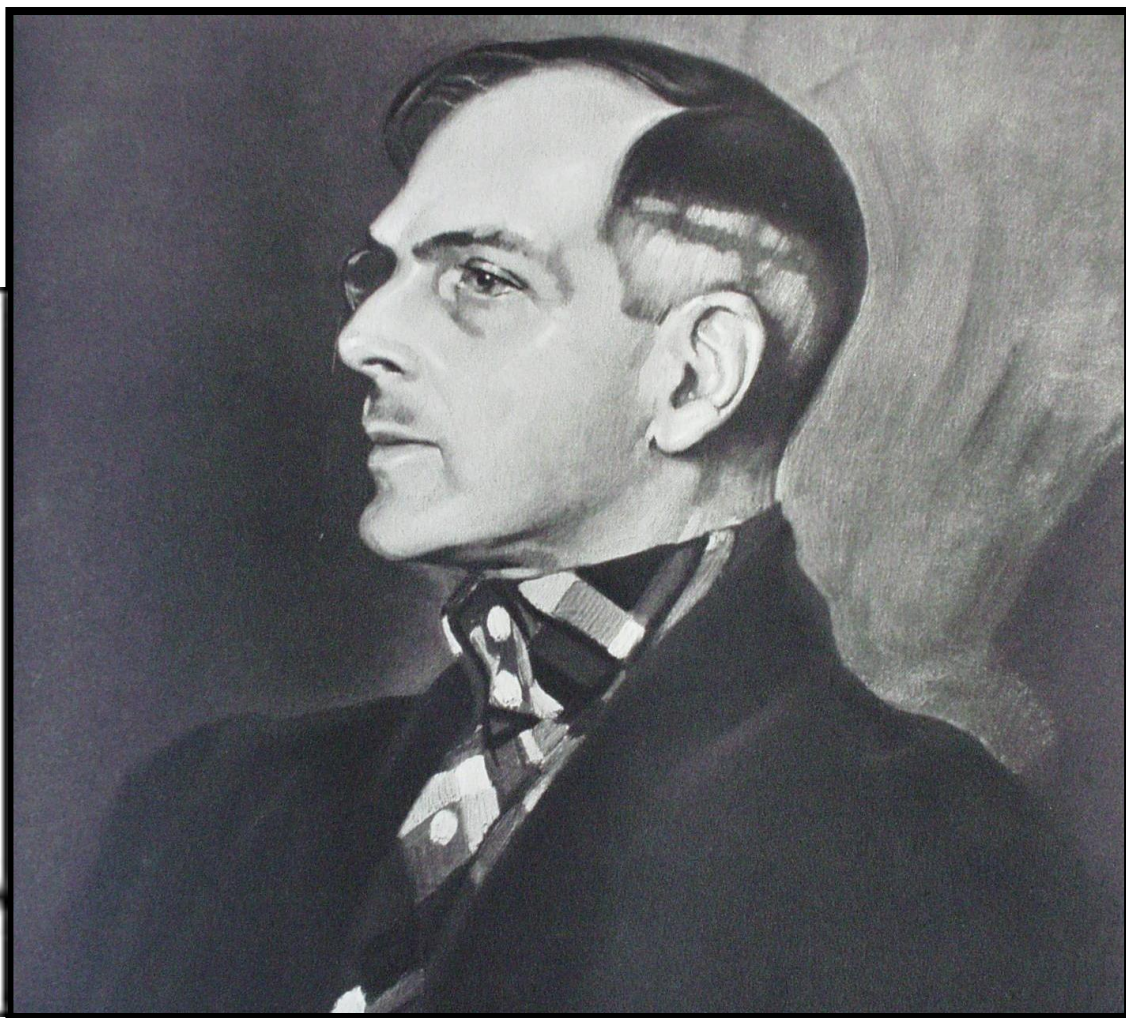
Afonso somus Vieira



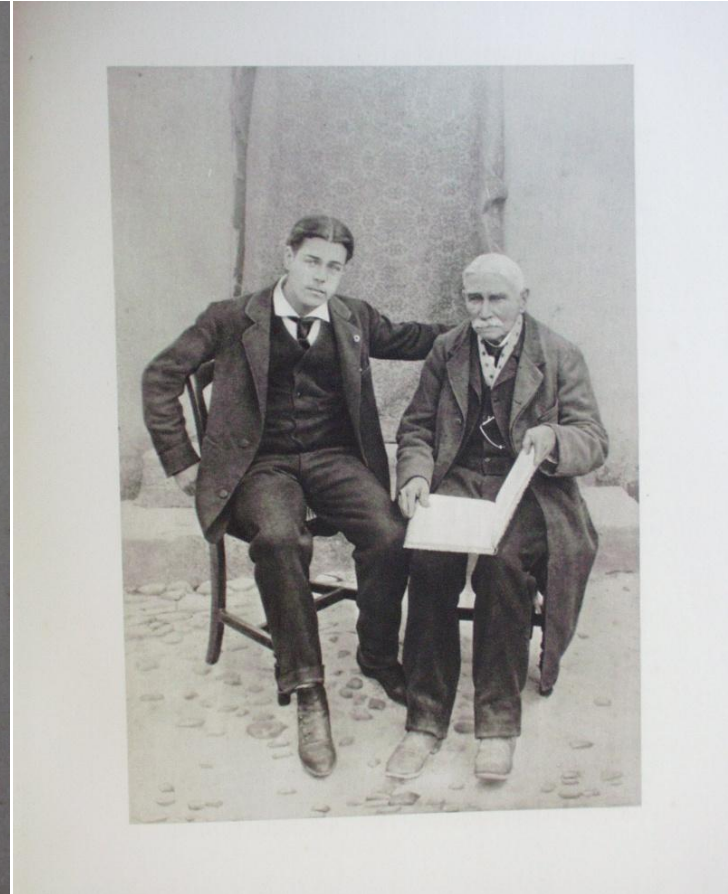
Quem foi **AFONSO LOPES VIEIRA (1878-1946)**?

Retrato de Afonso Lopes Vieira por EDUARDO MALTA: 1900-1967

[as imagens pertencem ao espólio da Biblioteca Municipal de Leiria, utilização que agradecemos]



**MENINO DE SUA MÃE, Mariana Lopes Vieira
e de seu tio-avô, António Xavier Rodrigues Cordeiro
(1819-1896)**



Cavaleiro das dunas de MOEL e embarcadiço nos batéis da NAZARÉ



ESTUDANTE EM COIMBRA

(1894-1900)

curso Direito e é um mau estudante e um poeta a despontar...

A fotografia em que Lopes Vieira pousou com a caveira é de de outubro de 1897, perto da cerca do Convento de S. Bento, e retrata um período em que o jovem foi sensível à arte dramática, tendo escrito o *Auto da Sebenta* em 1899.



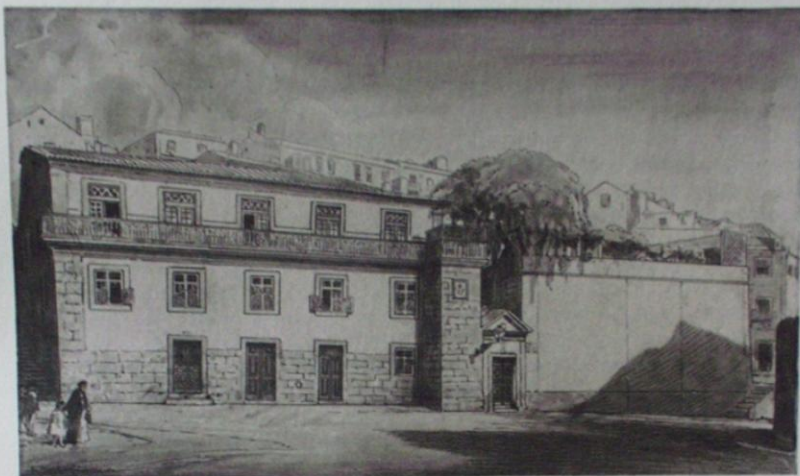
MENINO-HOMEM DAS CORTES...

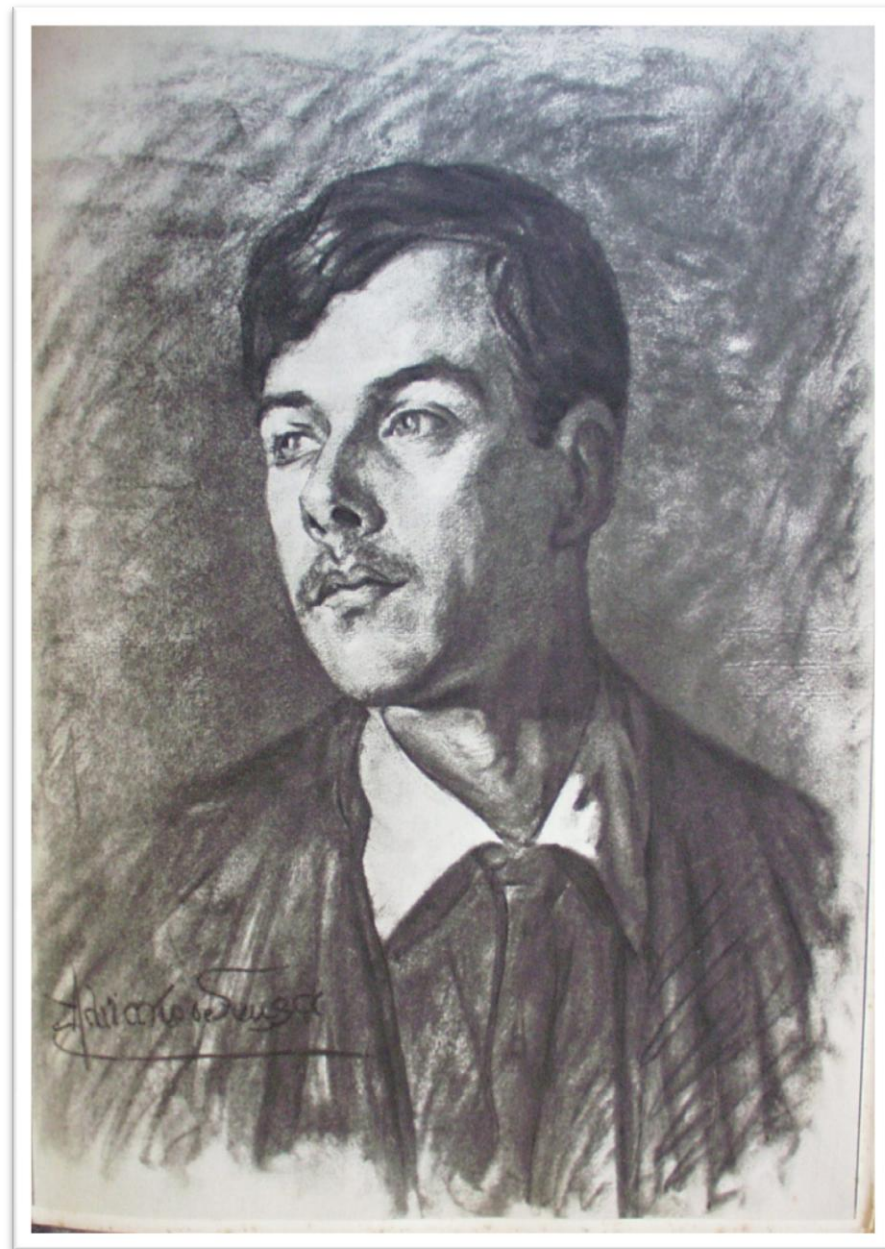
A Casa das Cortes foi herança do tio-avô, RODRIGUES CORDEIRO, e Lopes Vieira encontrava nela amargas recordações (a tia-avó morrera aí, queimada...), mas nem por isso deixa de estar presente durante a época das colheitas.

Entre 1932 e 1936 fez um *exílio voluntário* nesta Casa, onde escreveu algumas das suas obras mais críticas e melancólicas.



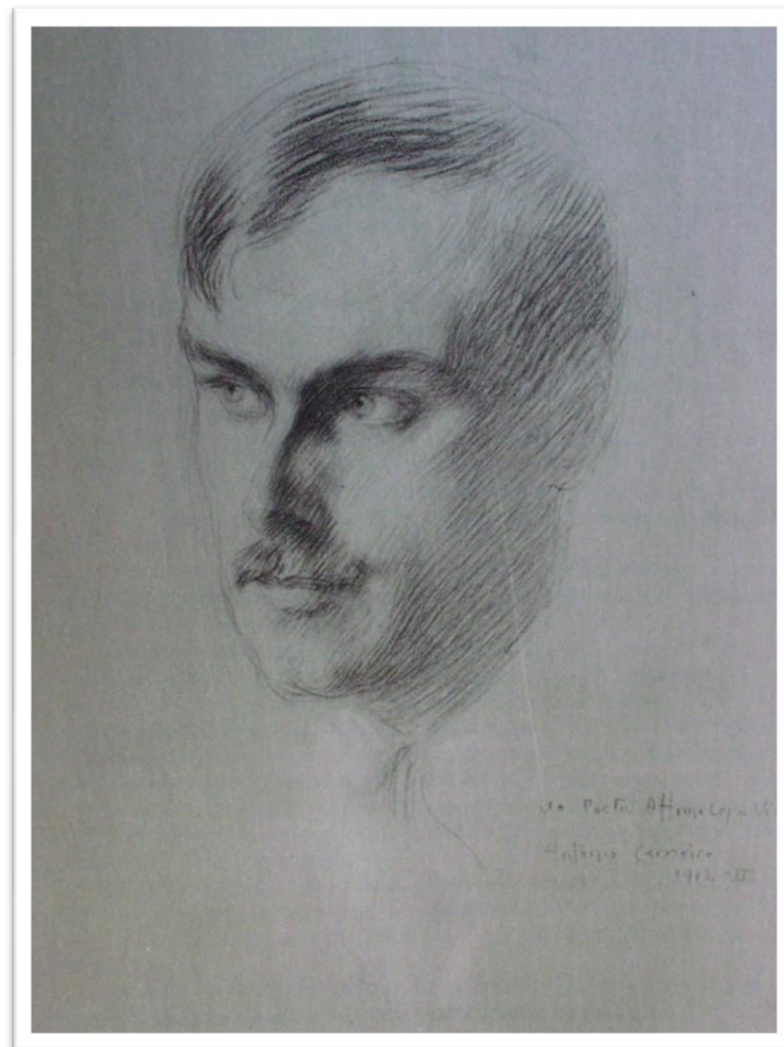
**De Inverno em Lisboa, no Largo da Rosa (casa comprada pelo pai, Dr. Afonso Xavier Lopes Vieira, em 1928, e oferecida no dia de aniversário do escritor);
de Verão em S. Pedro de Moel, numa casa com capela dedicada a N.ª Sr.ª de Fátima (inaugurada em 1929), decorada com objetos tipicamente portugueses, com uma varanda onde recebia os amigos e idealizou e escreveu uma parte da sua obra.**

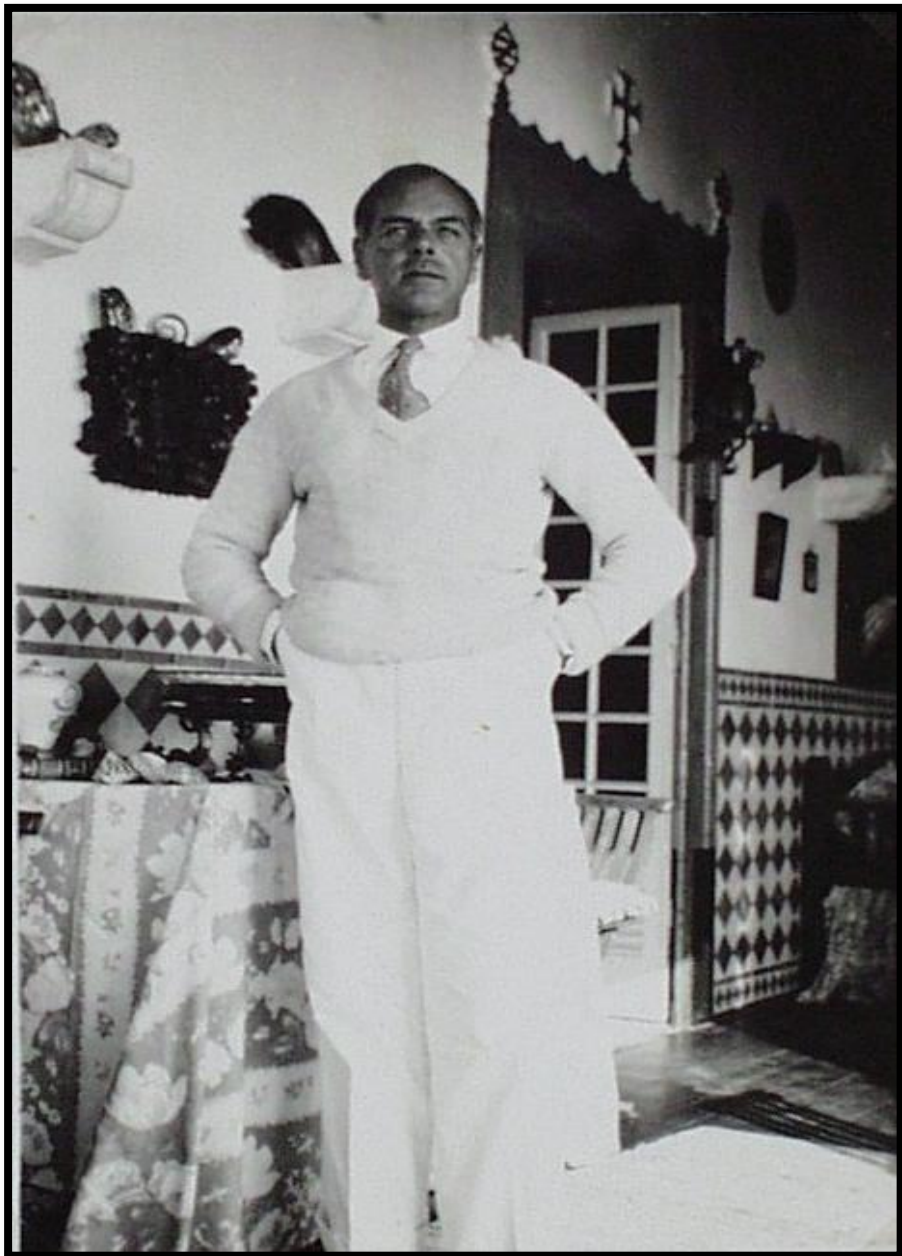




PATRIMÓNIO, COMUNIDADE e GLOBALIZAÇÃO – ALV do Homem à CMALV: 12 de dezembro de 2012 – Cristina Nobre

**Retratado por artistas contemporâneos:
por COLUMBANO BORDALO PINHEIRO (1857-1929),
e numa sanguínea de ANTÓNIO CARNEIRO (1872-1930).**





Filho único, casado com HELENA DE ABOIM (m. 1955), nunca teve filhos, mas dedicou-se à escrita para a infância com inovação e sucesso, segundo um conselho de Eça de Queirós...

CAVALEIRO DO CAVALO DE PAU

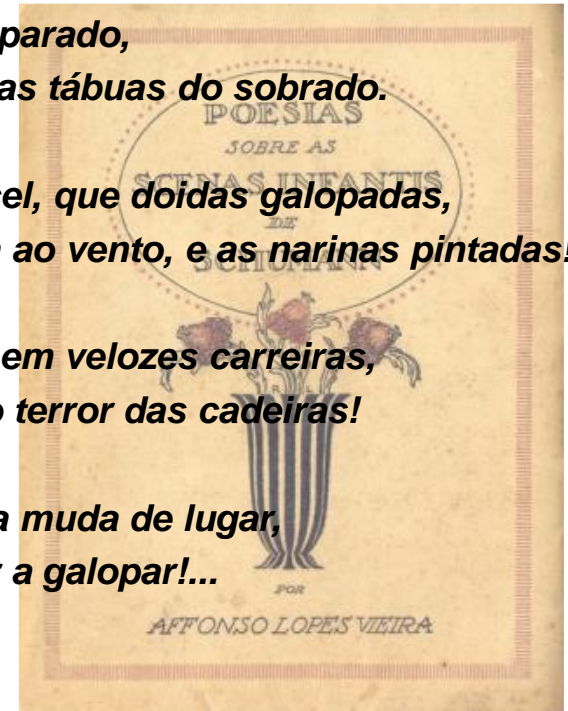
Vai a galope o cavaleiro e sem cessar galopando no ar sem mudar de lugar.

*E galopa e galopa, parado,
e galopa sem fim nas tábuas do sobrado.*

*Oh! que bravo corcel, que doidas galopadas,
— crinas de estopa ao vento, e as narinas pintadas!*

*Em curvas pelo ar, em velozes carreiras,
o cavalo de pau é o terror das cadeiras!*

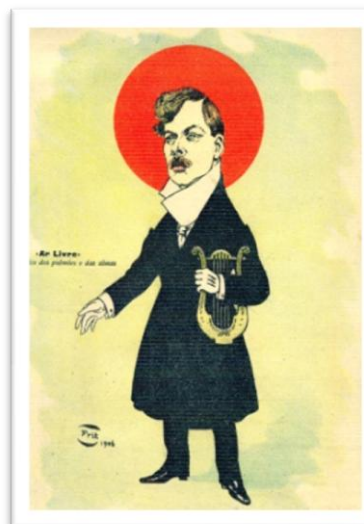
*E o cavaleiro nunca muda de lugar,
a galopar a galopar a galopar!...*



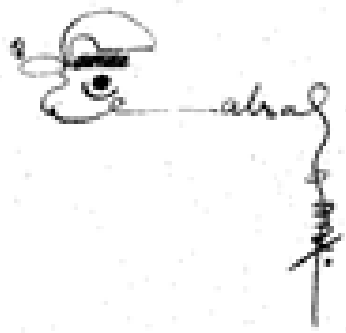
AFONSO LOPES VIEIRA concedeu algumas entrevistas importantes e tornou-se um dos escritores mais mediáticos do seu tempo, aparecendo nas revistas e imprensa diária. Foi também objeto de caricaturas, o que diz bastante acerca da popularidade do escritor. (fotografia da entrevista de 1932, concedida a Adolfo Simões Muller)



Caricaturas de AFONSO LOPES VIEIRA na imprensa da sua época



o abaixo estão
pado compreen
ta e pede licen
ça para ofere
cer o retrato
Lento.

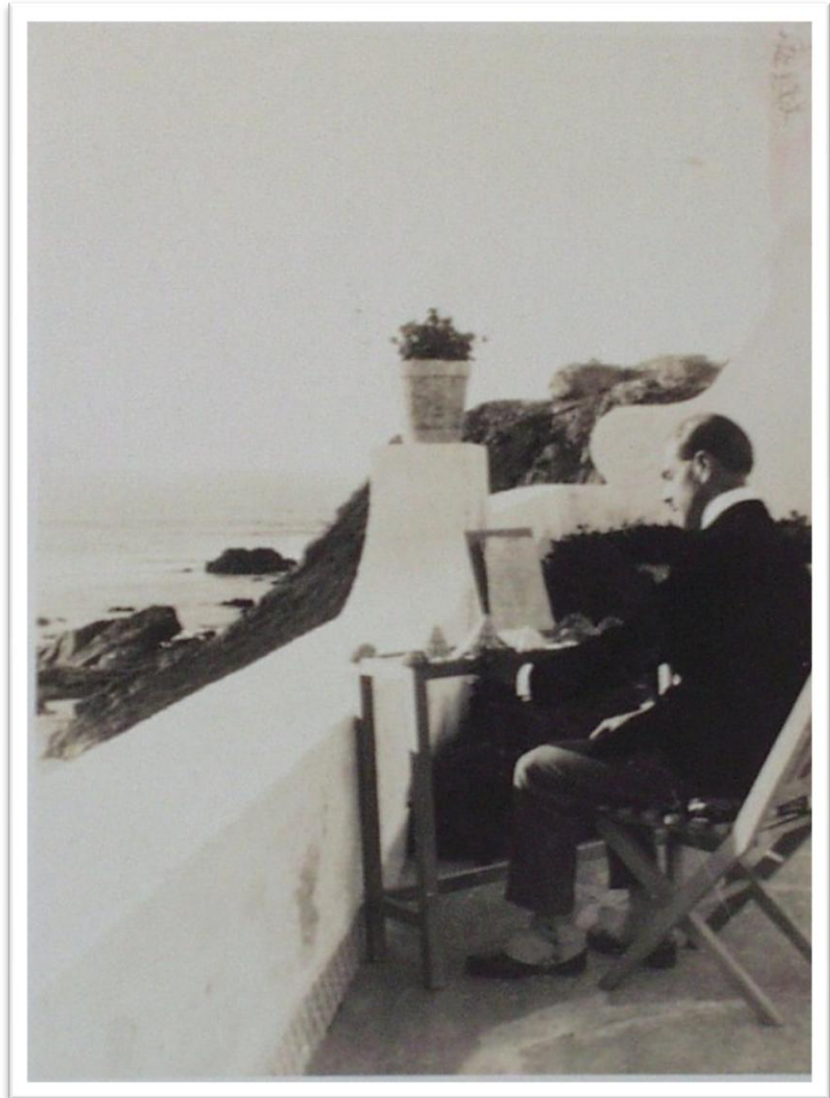


A poesia PINHAL DO REI - Cathedral verde e sussurrante... (*Ilhas de Bruma* 1917) é a mais conhecida, divulgada e cantada; é o emblema poético de ALV. O poeta criou um *órgão de búzios* para compor a música marítima.

[...]

**Encantado jardim da minha infância,
aonde a minh'alma aprendeu
a música do Longe e o ritmo da distância
que a tua voz marítima lhe deu;
místico órgão cujo além se esfuma
no além do oceano, e aonde a maresia
ameiga e dissolve em bruma
e em penumbra de nave, a luz do dia.
Por estes fundos claustros gemem
os ais do Velho do Restelo...
Mas tu debruças-te no mar e, ao vê-lo,
teus velhos troncos de saudosos fremem...**

**Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,
que vedes no mar?
Ai flores, ai flores do Pinhal louvado,
são as caravelas, teu corpo cortado,
é lo verde pino no mar a boiar.**



Em **1939**, Lopes Vieira tinha tornado pública a sua decisão de legar a sua Casa de S. Pedro de Moel para sanatório dos filhos dos trabalhadores das Matas Nacionais, Bombeiros, Pescadores e Operários Vidreiros da Marinha Grande, e a sua Biblioteca à cidade de Leiria

in *Diário de Lisboa*, 15 de abril de 1939



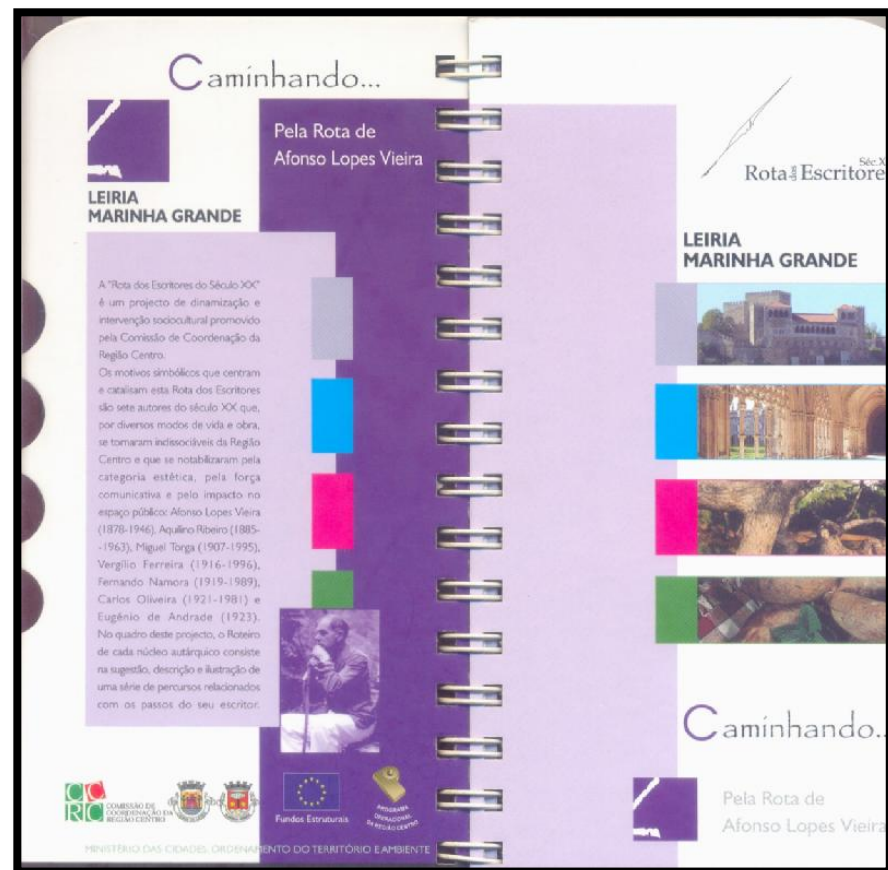
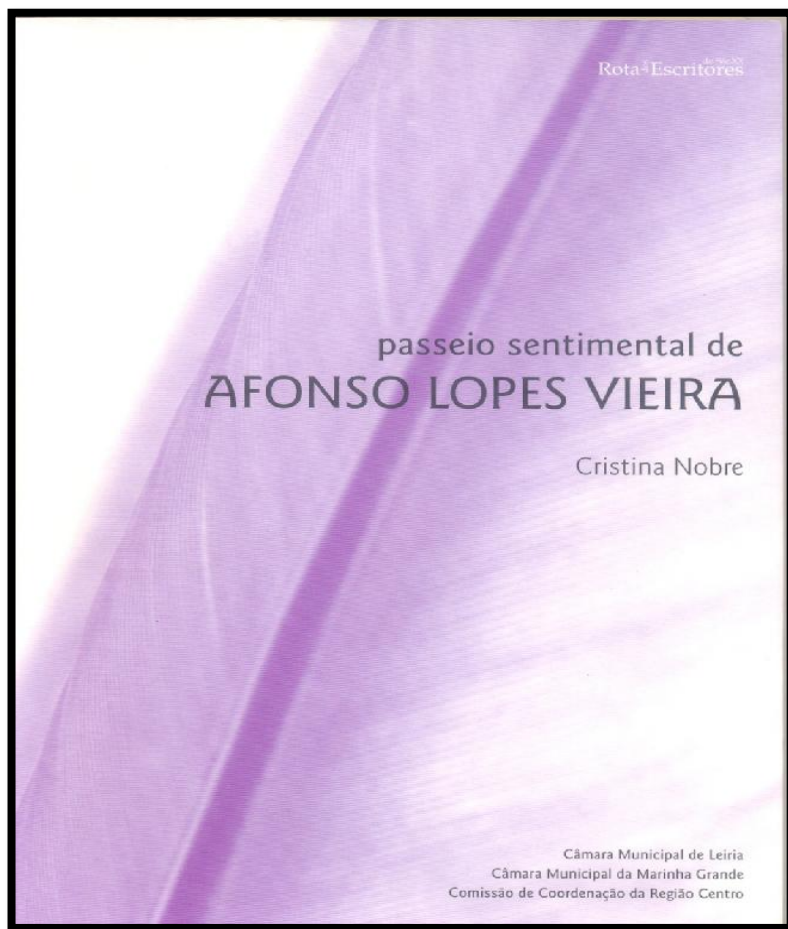


Logo em 1940 a população da Marinha Grande prestou uma homenagem ao Poeta, sob a forma de uma procissão de crianças, agradecendo o legado.



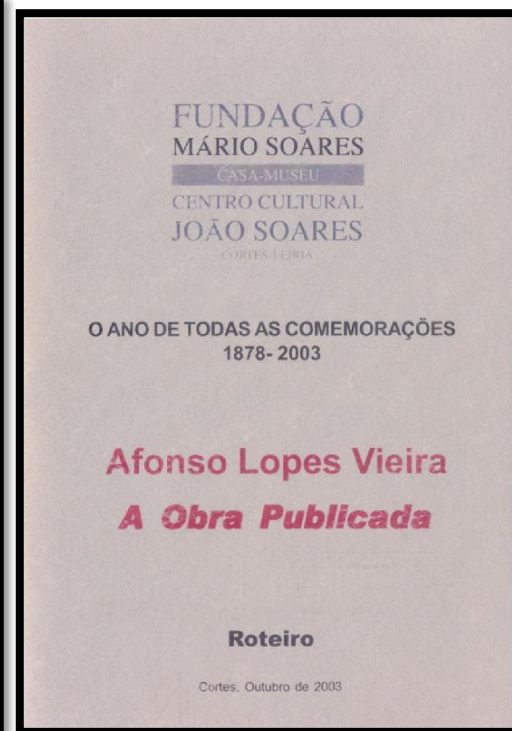
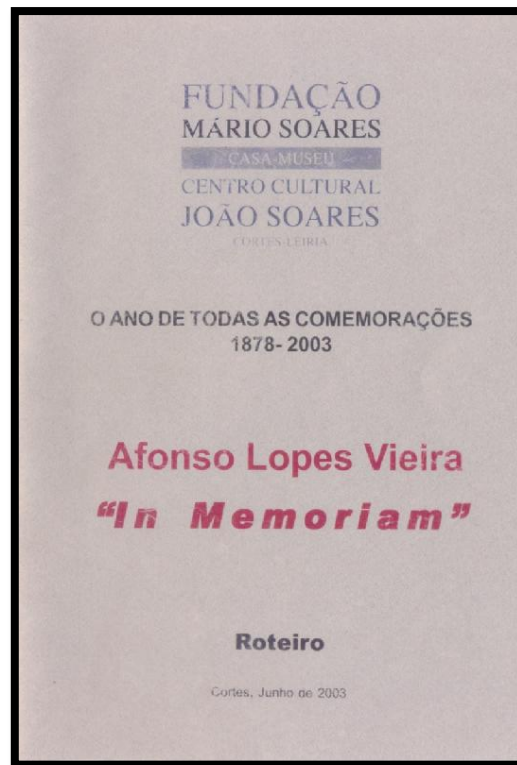
De defensor da *sua terra*, Afonso Lopes Vieira passava, inevitavelmente, à figura de padroeiro cultural da região de Leiria, com um potencial turístico e cultural bastante elevado.





Em 2003, sob a égide do programa “**Rota dos escritores do século XX**”, projecto de dinamização e intervenção cultural e social concebido pela CCRC, com *Coimbra Capital Nacional da Cultura*, editou-se a monografia de **Cristina Nobre (2003) *Passeio sentimental de Afonso Lopes Vieira***

Ao mesmo tempo, criou-se um **Roteiro** turístico-cultural, exemplo da simbiose entre a cultura da região e o turismo, ligados pela **ROTA DE AFONSO LOPES VIEIRA**

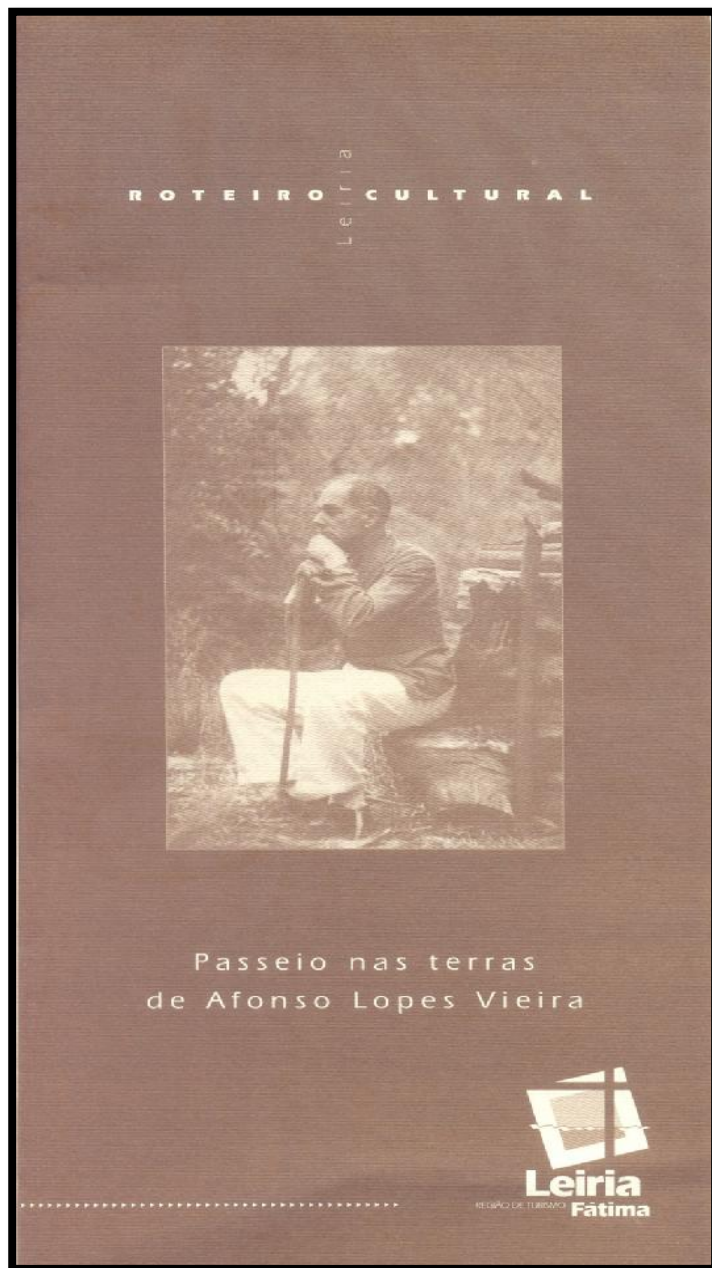


A exposição final em Coimbra
 (22 de nov. 2003 - 22 de jan. 2004)

LUGARES DA ESCRITA

deu visibilidade positiva a este
 património material e imaterial

A Casa-Museu Dr. JOÃO SOARES, nas Cortes, comemorou os 125 anos do nascimento do seu patrono, organizando **duas exposições** – uma sobre aspectos da intimidade (junho de **2003**) e outra sobre a obra publicada (outubro de **2003**)



O folheto do “Roteiro Cultural” da responsabilidade da Região de Turismo Leiria-Fátima,

Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira (2004), com textos de Cristina Nobre,

contribuiu para criar uma espécie de apetência cultural pelo usufruto deste *lugar literário*

Manter vivo o património: a casa que está rezando ao mar...



A Casa será a projeção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas.

A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com rigor e fidelidade, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, **Afonso Lopes Vieira (1878-1946)**, habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura.



CASA - MUSEU
Afonso Lopes Vieira

onde a terra se acaba e o mar começa

Horário de Funcionamento:

Julho a Setembro

Segunda a Sexta

10.00h às 13.30h e 14.00h às 18.00h

Sábados

15.00h às 19.00h e 20.00h às 22.00h

Domingos

11.00h às 13.00h e 15.00h às 19.00h

Casa-Museu Afonso Lopes Vieira

Rua Dr. Adolfo Leitão, n.º 4

2430-511 SÃO PEDRO DE MOEL

Tel. +351 244 599 201

Fax. +351 244 561 710

e-mail:

casamuseu.alv@cm-mgrande.pt

Colónia Balnear Afonso Lopes Vieira

Rua Dr. Adolfo Leitão, n.º 4

2430-511 SÃO PEDRO DE MOEL

Tel. +351 244 599 296

Fax. +351 244 561 710

e-mail:

colonia.alv@cm-mgrande.pt

Câmara Municipal da Marinha Grande

Praça Stephens

2430-960 MARINHA GRANDE

Tel. +351 244 553 300

Fax. +351 244 561 710

e-mail:

geral@cm-mgrande.pt

www.cm-mgrande.pt



Câmara Municipal da Marinha Grande

ROTEIRO DA EXPOSIÇÃO



ANO 2005

S. PEDRO DE MUEL

CASA - MUSEU
Afonso Lopes Vieira

Afonso Lopes Vieira

1878 / 1946

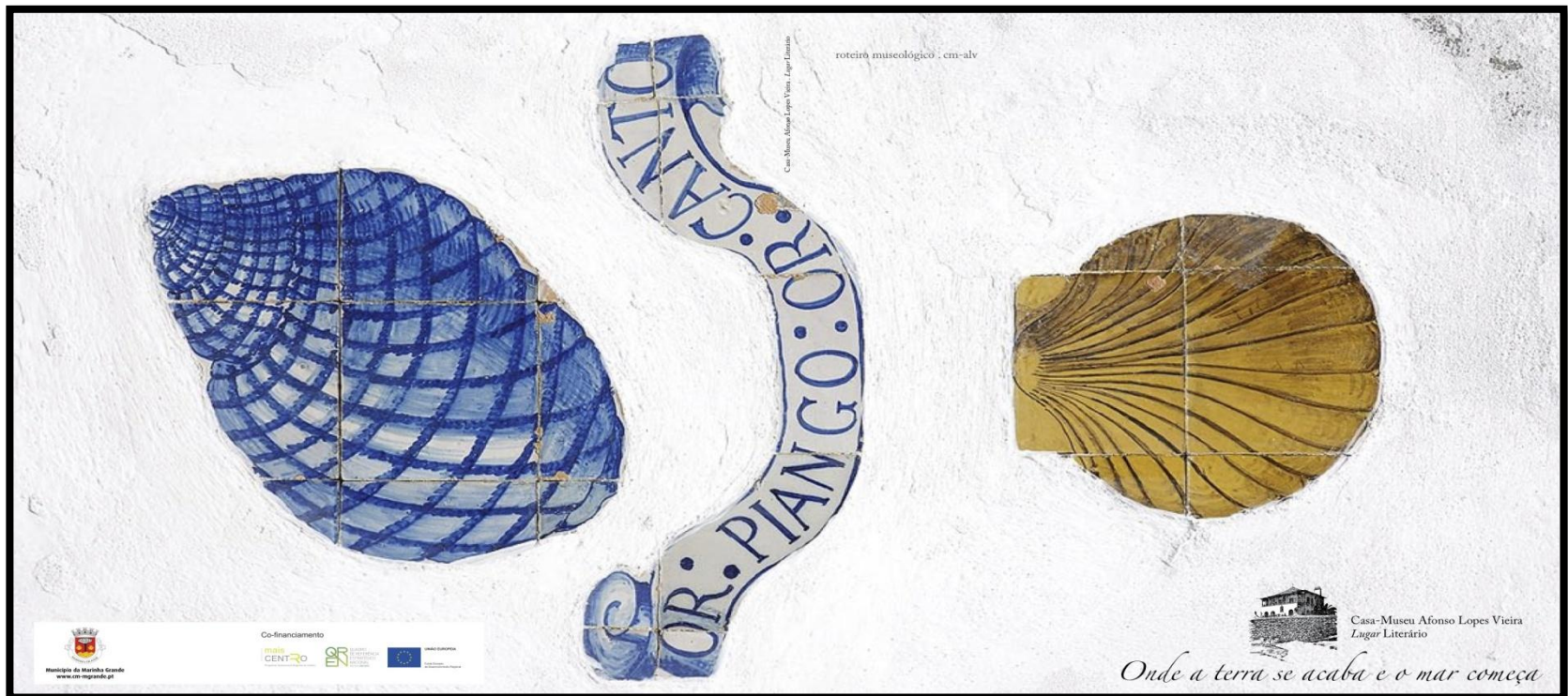
onde a terra se acaba e o mar começa



CRISTINA NOBRE e FERNANDO MAGALHÃES investigaram sobre as Artes Decorativas da Casa - a **Cerâmica de revestimento**, com os azulejos e algumas cantarias, em 2008/2009:

painéis informativos disponibilizados ao público visitante, no local; despoletar de um **inventário** de cariz museológico;

Roteiro-museológico: CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA - LUGAR LITERÁRIO. ONDE A TERRA SE ACABA E O MAR COMEÇA (ed. CMM^aGrande, co-financ. Mais Centro, QREN, FEDER, **Set. 2010**)



I ESTRATO - 1902 / 1903?

A fotografia das obras da casa, em que a varanda, tal como a herdámos, está a ser rasgada, ao mesmo tempo que se ergue o paredão frente ao mar.



II ESTRATO - 1909

1.^a camada – *a febre de renovação*



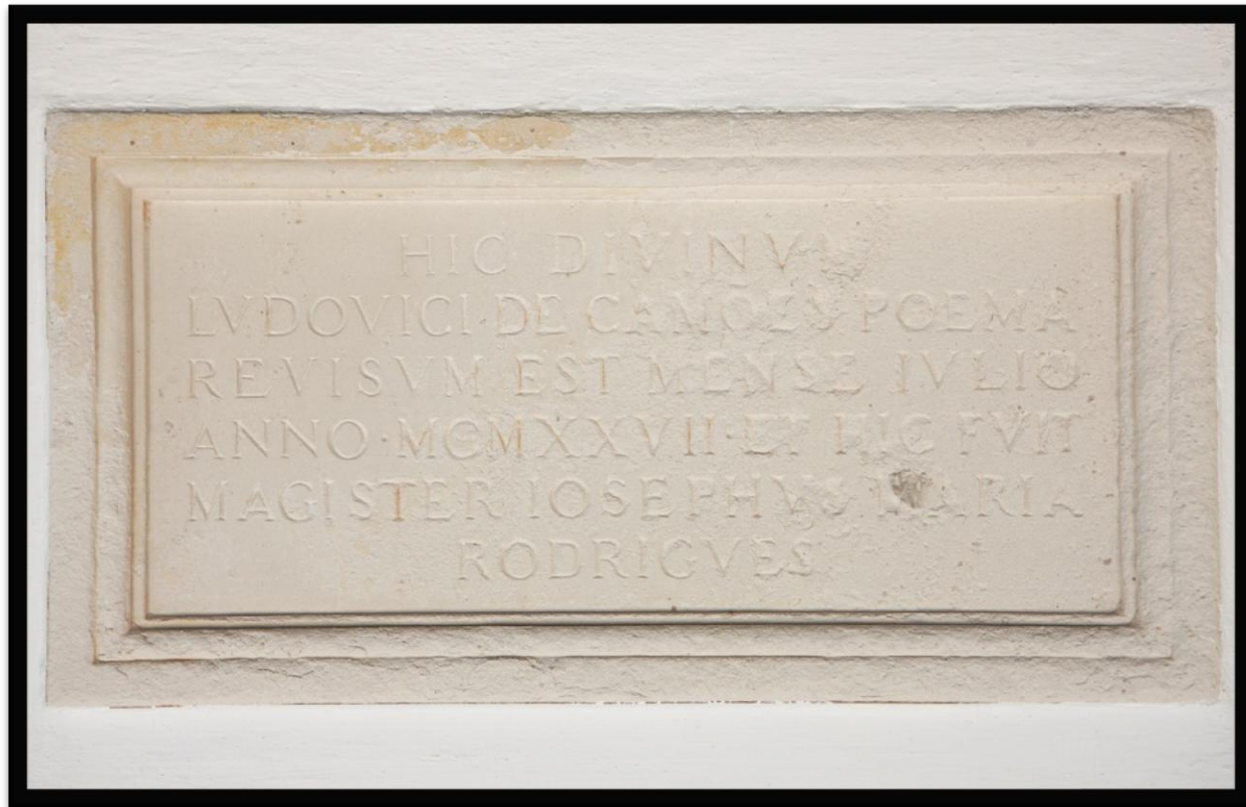
III ESTRATO - 1916

2.^a camada - ao *estilo sebastianista*



IV ESTRATO - 1925-27

3.^a camada - uma *nau no estaleiro*,
a memória sobre a obra produzida



V ESTRATO - 1929

4.^a camada –
a **Capela** dedicada
N.^a Sr.^a de Fátima



VI ESTRATO - 1935



“[...] P.S. A casa tem agora um verso de Camões incrustado frente ao Mar. Verás como tudo está melhorado.
Adoro isto. A.”

Postal de 8 de setembro de 1935 (Nobre, 2001: 76)

[...]
Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria, além, além!...

(OTAMC 1940: 11)



PROGRAMA

- 10:00 Sessão de Abertura do seminário
- 10:30 **A inventariação de acervos museológicos: Ponto da situação**
José Manuel de Oliveira (Director da Casa Museu Camilo Castelo Branco)
- 11:00 **Apresentação pública do projecto — Criação de um Lugar Literário**
Cristina Nobre (Coord.)
- 12:00 **Os particulares e os bens culturais comunitários**
Carlos Vieira (mecenas CMALV)
- 12:30 Almoço
- 14:00 **Entrevistas na CMALV**
Helena Barradas e Joaquim Correia
- 14:30 **A inventariação do acervo da CMALV e a educação**
Fernando Magalhães (Consultor científico)
- 15:00 **CM Marinha-grande e o projecto museológico
– o processo de inventariação do acervo da CMALV**
Catarina Carvalho e Paulo Alfaiate (CMMG)
- 15:30 **Problemáticas do processo de inventariação
do acervo da CMALV**
Teresa Azevedo (Bolseira do projecto CLL)
- 16:00 Mesa Redonda
**O papel do património museológico
no ensino da ESECS/IPL**
Fernando Magalhães (moderador)
Graça Poças Santos: **Património como ferramenta educativa**
Jenny Gil Sousa: **A dinamização de acervos museológicos**
Dina Alves: **Património local, cidadania e pedagogia**
Ana David: **O papel da Oficina do Olhar
e da programação cultural e educativa do mimo**
- 17:30 Encerramento dos trabalhos

Eventos Paralelos

Visita guiada à CMALV (com inscrição no decurso do seminário)

SEMINÁRIO

CRIAÇÃO DE UM LUGAR LITERÁRIO

INVENTARIAÇÃO DE ACERVO MUSEOLÓGICO
CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA

ESECS — IPL · 3 NOVEMBRO 2011

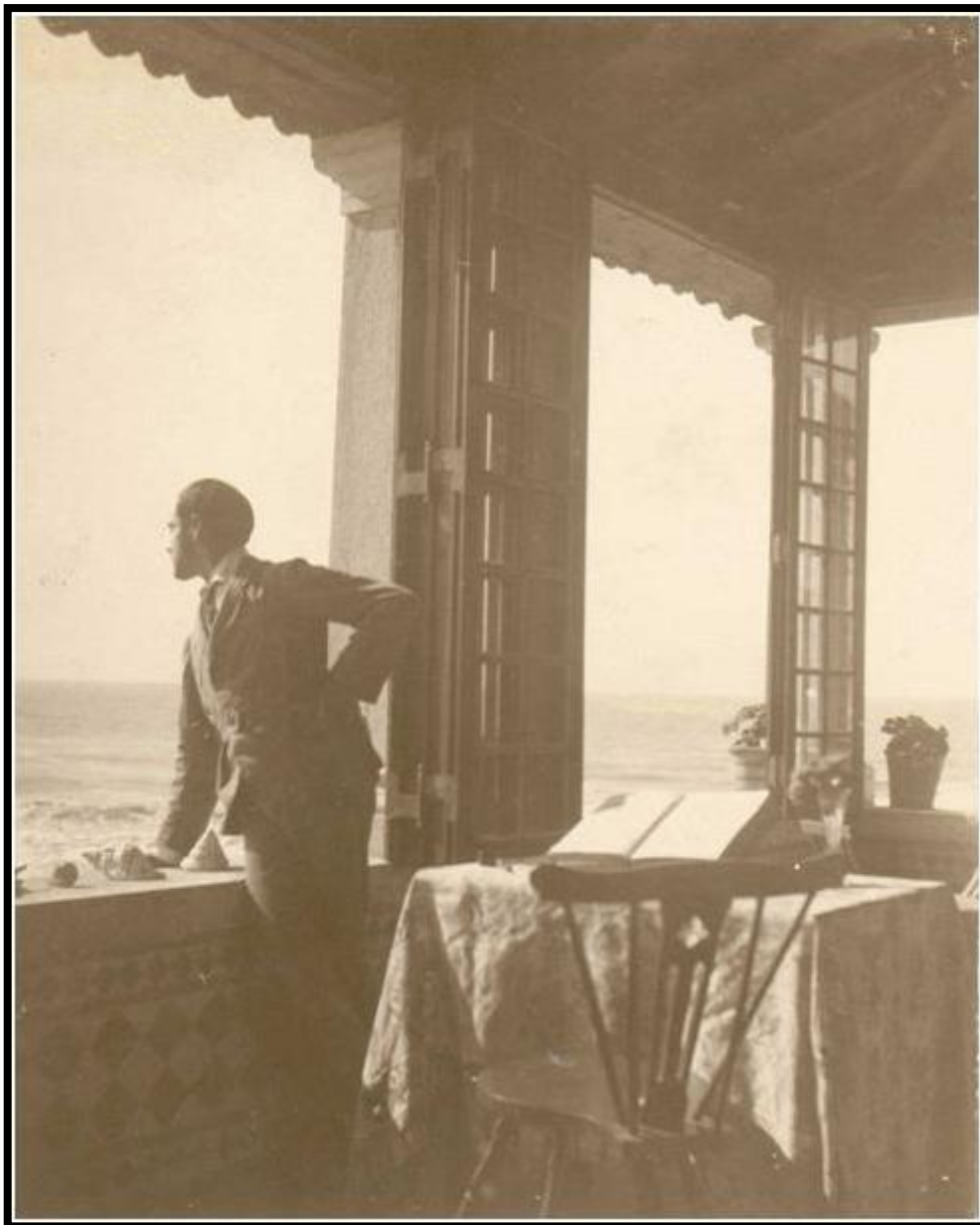
**Apresentação
pública do
projeto**

**CLL - Criação
de um Lugar
Literário :**

**A CASA-MUSEU
AFONSO LOPES
VIEIRA EM S.
PEDRO DE
MOEL**

**[CIID | INDEA |
IPL – novembro
2010 a
novembro 2011]**





Apetência cultural pelo usufruto público de um *lugar literário*, ao qual se fazem *peregrinações*(Herbert, 2001: 312), relacionadas com a atracção turística.

O projeto de investigação e estudo das coleções da CMALV pretendeu dar continuidade à implementação de um **projeto museológico e musealização da Casa**, promovendo **parcerias** entre a instituição de ensino superior (IPL), com investigadores especialistas nas áreas da educação, literatura e museologia, e a CMM^aG, responsável por um plano de requalificação museológica da CMALV, no âmbito do QREN, desenvolvido durante os anos de 2009 e 2010.



Visou o estudo aprofundado do recheio da Casa-Museu, desde os **livros ao mobiliário**, passando pelas **pinturas, esculturas e diversos objetos artesanais da casa**, com especial enfoque para a **varanda**, entendida como *lugar privilegiado* da criação literária.

OBS - Por se considerar uma área de estudo com características próprias e para lá das possibilidades concretas do projecto, excluiu-se deliberadamente deste projecto o estudo da CAPELA da Casa.

INVENTÁRIO TEMÁTICO

PINTURA (CMALV 55-58, 174-175)

DESENHO (CMALV 176)



Alfredo Keil *Marinha* 1905 CMALV 55



Adriano Sousa Lopes *Cabeça de velho* 1903 (CMALV 56)



***Ecce Homo* 1919 (data aquisição?) CMALV 58**



Pintura Japonesa s/d CMALV 175

Alice Rey Colaço *Casal de namorados s/d*

CMALV 57



O pequeno guache de Alice é uma afirmação estética de uma certa elite cultural portuguesa de então - **valor das tradições genuinamente populares e portuguesas** e necessidade de as **elegar esteticamente**, para que o **orgulho português** pudesse fazer viver o país, a atravessar um grave momento de crise política e cultural.

A citação integral da quadra faz da pintura uma **declaração estética de apreço pelas genuínas tradições lusas**:

***Não se zangue ó menina,
d' este cravo lh' oferecer.
Ele é o firme protesto
de ser fiel até morrer.***

Alice Rey Colaço *Serão das Irmãs R. C. s/d*

CMALV 174



Com o guache oferecido a Lopes Vieira, no verão de 1915 (?), Alice pinta e regista memória do evento: “**Num concerto das filhas de Rey Colaço**”, que se realizou no Instituto de Coimbra, em **maio de 1915**; mostra bem como compreendia e gravava o objetivo essencial do poeta, desejoso de continuar *ad eternum* do lado da infância.



FALA O POETA

Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!
**E rezo agora a minha prece.
Falar de crianças é rezar.**

Oh! pensar que elas hão de crescer
e ser os homens dalgum dia!
Pensar que toda esta alegria
se enflora agora para mais não ser!

[...] (Vieira 1915: 37-38)

José Rebelo Raposo *A prisão de Afonso Lopes Vieira em Benfica 1937* CMALV 176



Em 1937, Henrique Paiva Couceiro (1861-1944), por criticar violentamente a política colonial do regime numa carta ao Presidente do Conselho de Ministros, Salazar, a 31 de outubro de 1937, foi preso pela PIDE por 6 dias, a **13 de novembro**, condenado a 2 anos de exílio e forçado a retirar-se da vida política, enviado, apesar dos seus 76 anos (!), para a colónia espanhola de Santa Cruz de Tenerife, nas Canárias. Em 1939, Salazar permitiu o seu regresso a Portugal, onde acabou por viver os últimos anos.

É emblemático da posição de **perseguido político** o episódio vivido pelo escritor e outros nomes conhecidos da época, presos de 16 para 17 de novembro de 1937. No ANTT, nos arquivos da PIDE/DGS, no processo **SPS—3252 / 1937**, pode ler-se que Afonso Lopes Vieira só foi detido em **17 de novembro**, juntamente com C. Beirão e só foi solto em **24 de novembro**. Esta detenção de 8 dias para averiguações é justificada:

"[...] por ordem superior, [...] **por pretenderem visitar o preso Henrique Paiva Couceiro.**"

TÊXTEIS

CMALV 59-88, 102.1, 103.1, 105.1-5., 106.1-2., 107.1-2.,

108.1-2., 109.1-2., 118.1, 122.1 e 218-223

Colchas de chita de Alcobaça CMALV 59-65 e 218-221



A estética era a da **genuinidade**:

terá sido o franciscanismo das opções estéticas e nacionalistas de ALV que o fez optar pelas chitas de Alcobaça. “Produto” característico e bastante divulgado nesta região, e conhecendo-se o fascínio que tinha por Alcobaça (Nobre 2008 I-II e 2008b) percebe-se a existência de bastantes destas chitas na sua casa, como uma moldura inédita de **portuguesismo**, a cobrir a cal branca das paredes;

revestir as paredes de uma casa-nau ou expor as conchas e búzios admirados (elementos naturais marítimos) com e sobre o tecido popular alcobacense era afirmar **o orgulho nas criações do povo e nas matérias-primas portuguesas**.

MOBILIÁRIO CMALV 89-121

Chaise longue ou *divã tumular* CMALV 115



A referência a este divã *tumular* foi constante na correspondência com vários dos seus amigos - devoção que lhe prestava como local de criação predilecto, e elemento profiláctico nas suas diversas crises depressivo / melancólicas.

Os testemunhos orais de **mestre Correia** e **Helena Barradas** são recorrentes na importância desta peça na criação literária do escritor.



Criou um postal a partir de uma fotografia sua, deitado nele, acompanhado do seu cachimbo (cf. Nobre 2007: 70), e em julho de **1912**, escrevia ao seu amigo e actor **Augusto Rosa**:

**Vera efigie d'um poeta tragicó-
marítimo caído em perpétua
rêverie, e por ele enviada ao
querido amigo Augusto Rosa.**

**Num divã, que é o seu Limbo,
ele fuma, e escuta o Mar...
Não lhe tirem o cachimbo,
e deixem-no dormir, talvez sonhar!**

Affonso / Julho 1912.

Postal a Augusto Rosa, BMLALV, A104, nº. 32604.

INSTRUMENTOS MUSICAIS

Órgão de Búzios CMALV 122



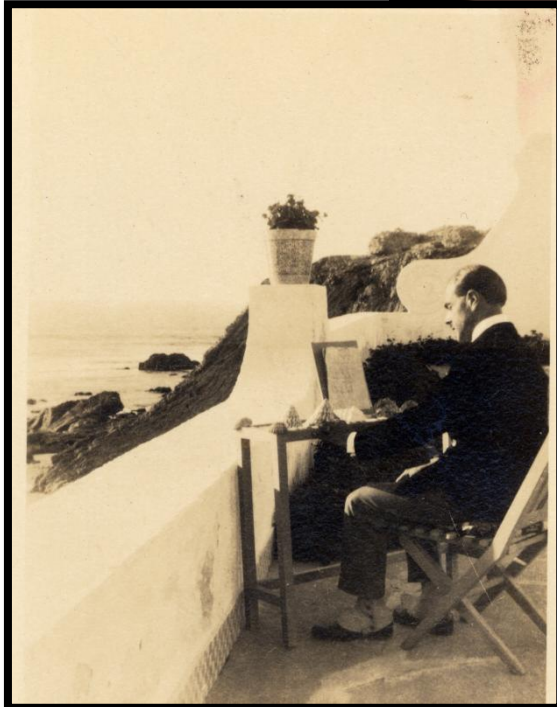
Estamos longe dos tempos em que **Francisco de Lacerda** vinha à casa afinar o *órgão de búzios*, ou que o músico **Viana da Mota** deixava uma pauta com música criada para este instrumento musical, como presente para o anfitrião, quando não era ele próprio a compor uma música.

Em **1925**, sabe-se como a coleção de búzios era motivo de orgulho para o poeta, o seu **altar**.

[...] Acabo de erigir aqui na varanda **o altar do Mar**, com Camões, História trágico-marítima, um aquário de anêmonas e **os mais lindos búzios e conchas da minha já vasta colecção** (cerca de 100 búzios diversos). Como complemento do altar, **o órgão de búzios**, em que toco frases musicais, de coral, completas, e para que componho música. O órgão foi afinado pelo Francisco de Lacerda, há um ano. Assim brinca este velho menino solitário, que se basta misticamente a si próprio. [...]

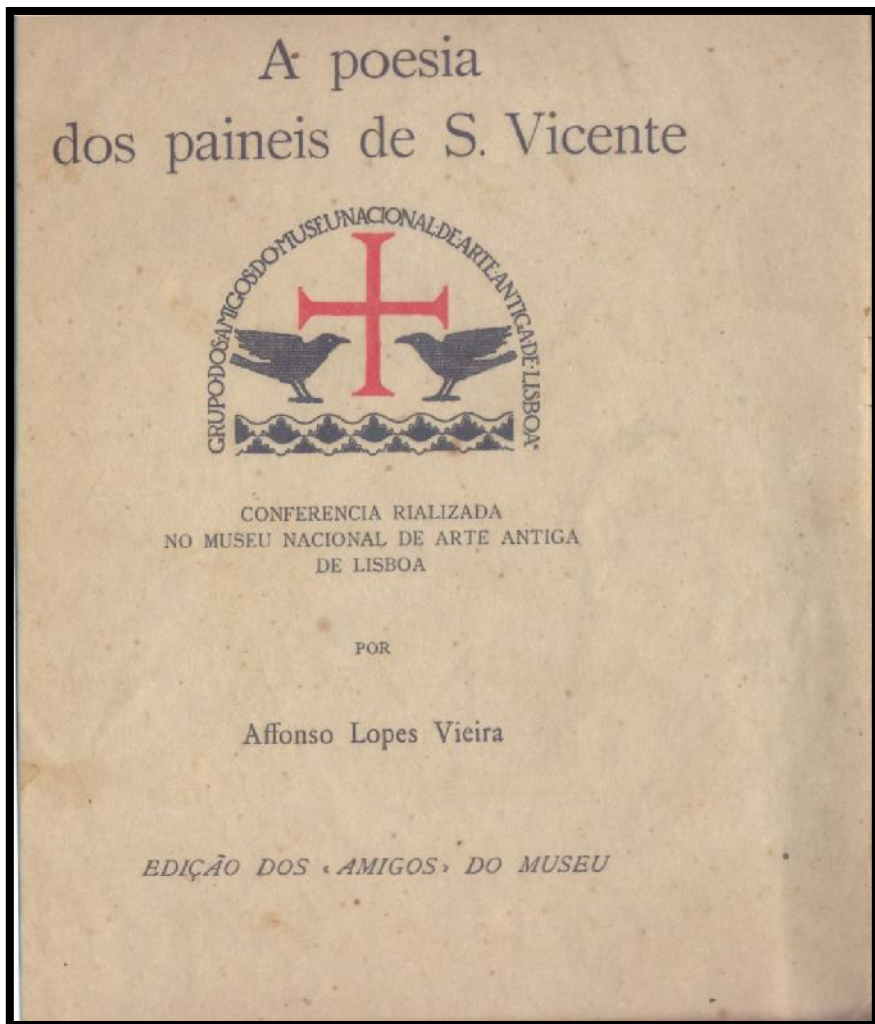
Excerto de Carta a Leonor Rosa, de 25 de julho 1925, esp. BMLALV, A115, nº. 33549.

Da importância atribuída a esta peça faz prova a fotografia que acompanha a entrevista concedida em **1931** à revista *Cinéfilo* (Nobre 2011: 204-208), em que o poeta se encontra no exterior, no terraço, sentado frente a este **órgão**, com um búzio na mão e uma pauta colocada no móvel.



GRAVURA CMALV 123-124, 126, 127/1/2/3, 128/1/2/3, 129-134, 172-173

Painéis de S. Vicente de Fora CMALV 127/128



Em 26 de dez. de 1914, faz a conferência *A Poesia dos Painéis de São Vicente*, onde se associa à recente descoberta de Nuno Gonçalves, pintor português de quinhentos, o que viria colmatar um hiato na arte portuguesa e dar continuidade artística à nossa história.



Associa-se a **José de Figueiredo**, e considera esta "causa artística" mais um dos seus trunfos na batalha de **arte nacionalista** em que se empenhou.

NOTA: Ref. em *Ilhas de Bruma*, de 1917, a uma obra "em preparação",
Auto dos Painéis de S. Vicente

ESPÓLIO DOCUMENTAL

CMALV 125, 135-171,193

1 postal p/ Vasco Pimentel

CMALV 153

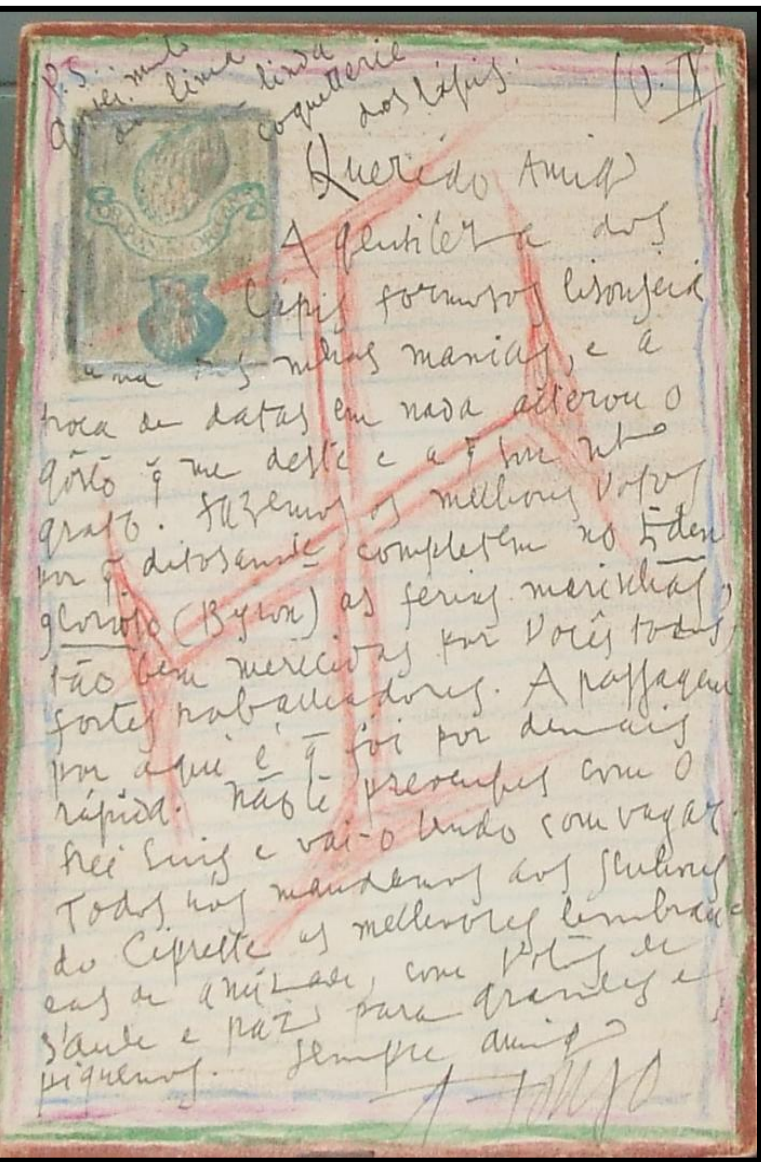
Um nº considerável de h do dia de ALV era dedicado à correspondência, uma atividade obrigatória e prazenteira, dada a sua larga vivência social e as profundas amizades alimentadas. O mobiliário e os utensílios, de que se rodeou, confirmam essa dedicação que deu frutos tão largos, embora ainda pouco divulgados (*vide* Nobre 2001, 2003, 2005II, 2008). As doações de Carlos Vieira à CMALV provam-no.

Vasco Pimentel terá compreendido os **cuidados estéticos de Lopes Vieira com a escrita**, tendo-lhe ofertado um conjunto de **lápiz de cor**, gesto a que o poeta ficou grato, como explícito no postal de setembro de **1942**:

Querido Amigo

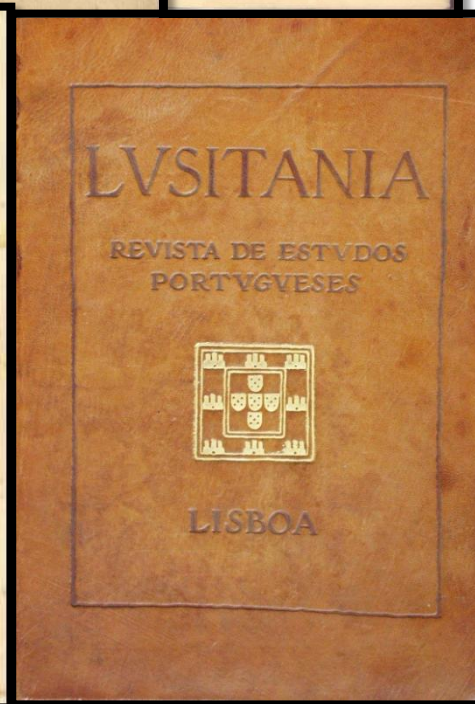
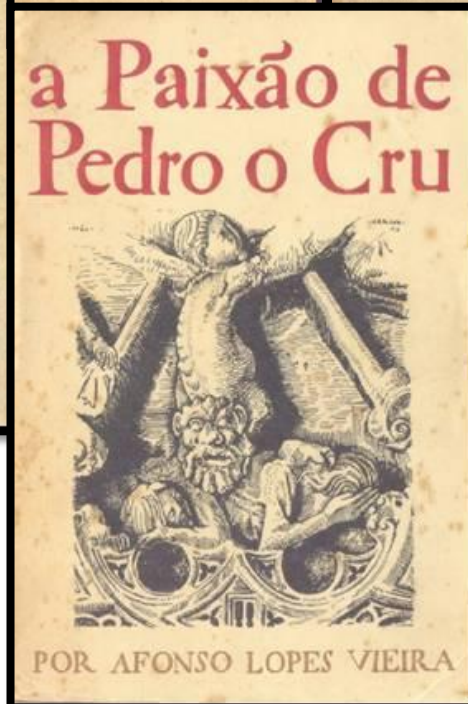
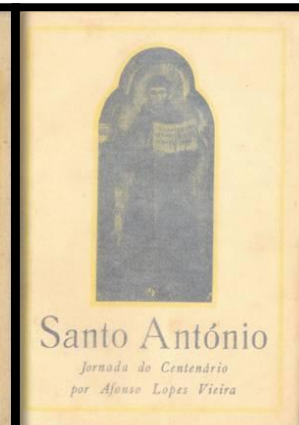
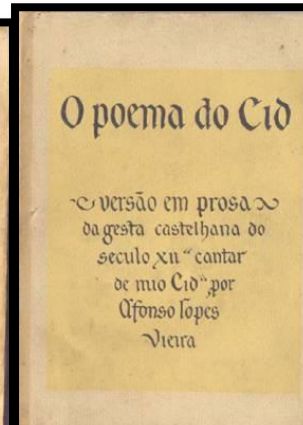
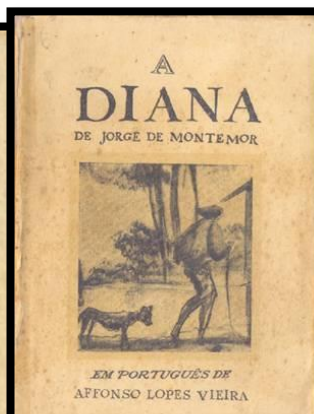
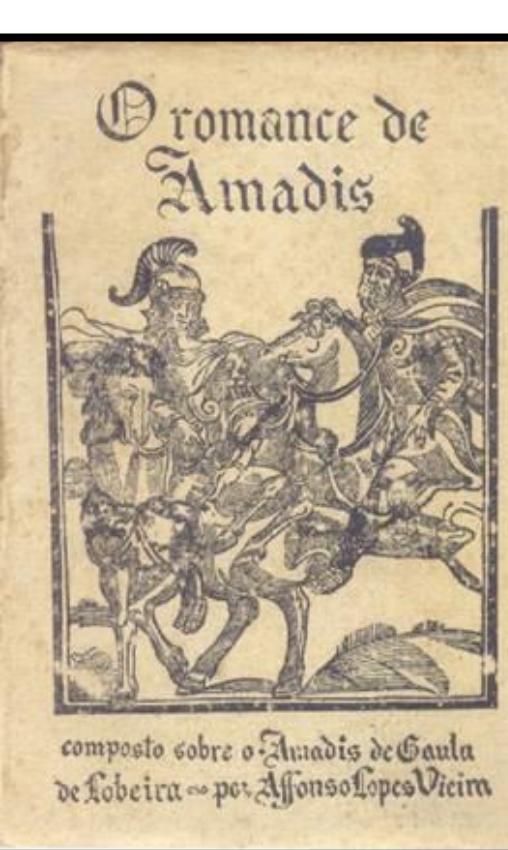
A gentileza dos lápis formosos lisonjeia uma das mhas manias, e a troca de datas em nada alterou o gosto q. me deste e a q. sou mtº grato. Fazemos os melhores votos por q. ditosamente completem no *Éden glorioso* (Byron) as férias marinhas, tão bem merecidas por vocês todos, fortes trabalhadores. A passagem por aqui é q. foi por demais rápida. Não te preocupes com o Frei Luis e vai-o lendo com vagar. Todos nós mandamos aos Senhores do Cipreste as melhores lembranças de amizade, com votos de saúde e paz para grandes e piquenos.

Sempre amigo / Afonso



ESPÓLIO DOC. LIVROS CMALV 235-611

Na cela quixotesca – *Biblioteca de S. Pedro* | *Casa de S. Pedro...*



... com Amadis
CMALV 264 e 508

... com Diana
CMALV 279

e O Poema do Cid
CMALV 287

... com Santo António
CMALV 294

e a rev. Lusitânia
CMALV 502/1, 502/2, 470-474

... com A Paixão de Pedro o Cru
CMALV 276

... com os livros dos amigos

FOTOGRAFIA CMALV 177-217, 224



Fotografias de Afonso L. Vieira & de Helena de Aboim CMALV 180- 181



A publicação, em 1909, do artigo para a *Ilustração Portuguesa*, intitulado **Photographia Moderna**, onde dava conta do seu interesse, educado durante 15 anos, sobre a arte fotográfica, artigo que era acompanhado de *clichés* inéditos, é reveladora deste interesse e transforma-o num dos primeiros pioneiros da fotografia como forma de arte no nosso país.

CERÂMICA DE EQUIPAMENTO

Lisboa 14 Fevereiro 1911

CMALV 949-958

Meu caro Afonso Lopes Vieira

Aí lhe mando esses insignificantes exemplares da minha faiança popular das Caldas; um paliteiro, um cinzeiro, um centro de conchas Vieira e o tal meu São Francisco que eu fiz em tempos para servir de reclame aos vinhos do Porto Menéres, e de que lhe falei. Como a forma já gasta, já deve estar muito alterada a modelação primitiva.



Não olhe V. para a escultura que não presta para nada. Mando-lho apenas como curiosidade e as outras coisas baratas e para V. mandar para sua casa de São Pedro de Muel.

Desculpe a insignificância. Depois lhe mandarei outras coisas. Abraça-o o seu admirador sincero e amigo mt^o grato,

MGustavo Bordalo Pinheiro

S/C R. do Mundo, 33, 3^o

BMALV, *Cartas e outros escriptos [...]*, vol. V, n.^o 14.



Quer o **centro de conchas CMALV 956**, quer o **sapo CMALV 957**, que não possuem marcas efetivas da cerâmica a que pertencem, serão alguns dos exemplares referidos na carta, provavelmente até um *unicum*, pois não se conhecem outros centros semelhantes. A data de 1911 tem relação com a obra poética para crianças *Animais Nossos Amigos*, onde o sapo é um dos protagonistas.

A escolha do *ex-libris* podia já estar a ser delineada nesta época, ou a oferta de Bordalo ter sugerido ao poeta a sua pertinência, como aqueles que prezava já observavam sobre o lar frequentado, associando-lhe elementos de malacologia.

A localização destas peças decorativas na varanda diz-nos algo sobre o papel social e educativo que lhes era reservado.

ESCULTURA CMALV 225-234

2 edículas da *rosácea falante* CMALV 229



As edículas de mestre Joaquim Correia terão sido a súpula de parte destes sonhos criativos e permitem-nos compreender a ligação afetiva que nutria por esta peça.

De um esquecido e inaugural romance **Pedro Cru**, dado em esboço para uma figuração dramática na antologia poética de 1904 [PE: 37-43], passando pelo projeto de **O Romance de Pedro e Inês**, enunciado em *Ilhas de Bruma*, de 1917, em preparação, até ao livro **A Paixão de Pedro o Cru**, com uma 1.^a ed. em 1940, e 1944, quando acompanha o mestre ferreiro **Lourenço Chaves de Almeida**, com a tese sobre a nacionalidade do autor dos túmulos de Alcobaça, passam mais de **20 anos** em que o tema obceca Lopes Vieira, chegando a metamorfosear-se em guião para o cinema de índole nacionalista, com o **filme Inês de Castro**, de 1945, de Leitão de Barros.



Busto de Afonso Lopes Vieira

CMALV 225

Realizado de memória pelo **mestre Joaquim Correia**, após o falecimento do escritor, e do qual Helena de Aboim se agradou tanto, tendo impedido mestre Correia de fazer o bronze e conservado a maquete em gesso, transformando este exemplar **único** na obra do escultor fora dos registos dos seus catálogos.

REFERÊNCIA EM REDE: <http://www.afonsoledesvieira.ipleiria.pt>
Visitar sítio da internet

MEDALHÍSTICA CMALV 948

INSTRUMENTOS CIENTÍFICOS CMALV 960-961

METAIS CMALV 963-967 e 983

EQUIPAMENTOS E UTENSÍLIOS CMALV 968 e 970-994

VIDROS CMALV 987-989

TRAJE CMALV 991-992

BRINQUEDOS CMALV 997

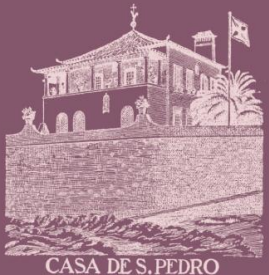
ESPÓLIO DE MALACOLOGIA CMALV 999-1144, 1315-1316 e 122/2-

122/19



Penso às vezes como depois de eu morto
certos objectos do meu uso
hão-de chorar por mim.
Essas saudades deles comovem-me
de modo que sinto até já saudades minhas...

AFONSO LOPES VIEIRA



O LUGAR LITERÁRIO
inventário do espólio
da casa-museu
afonso lopes vieira

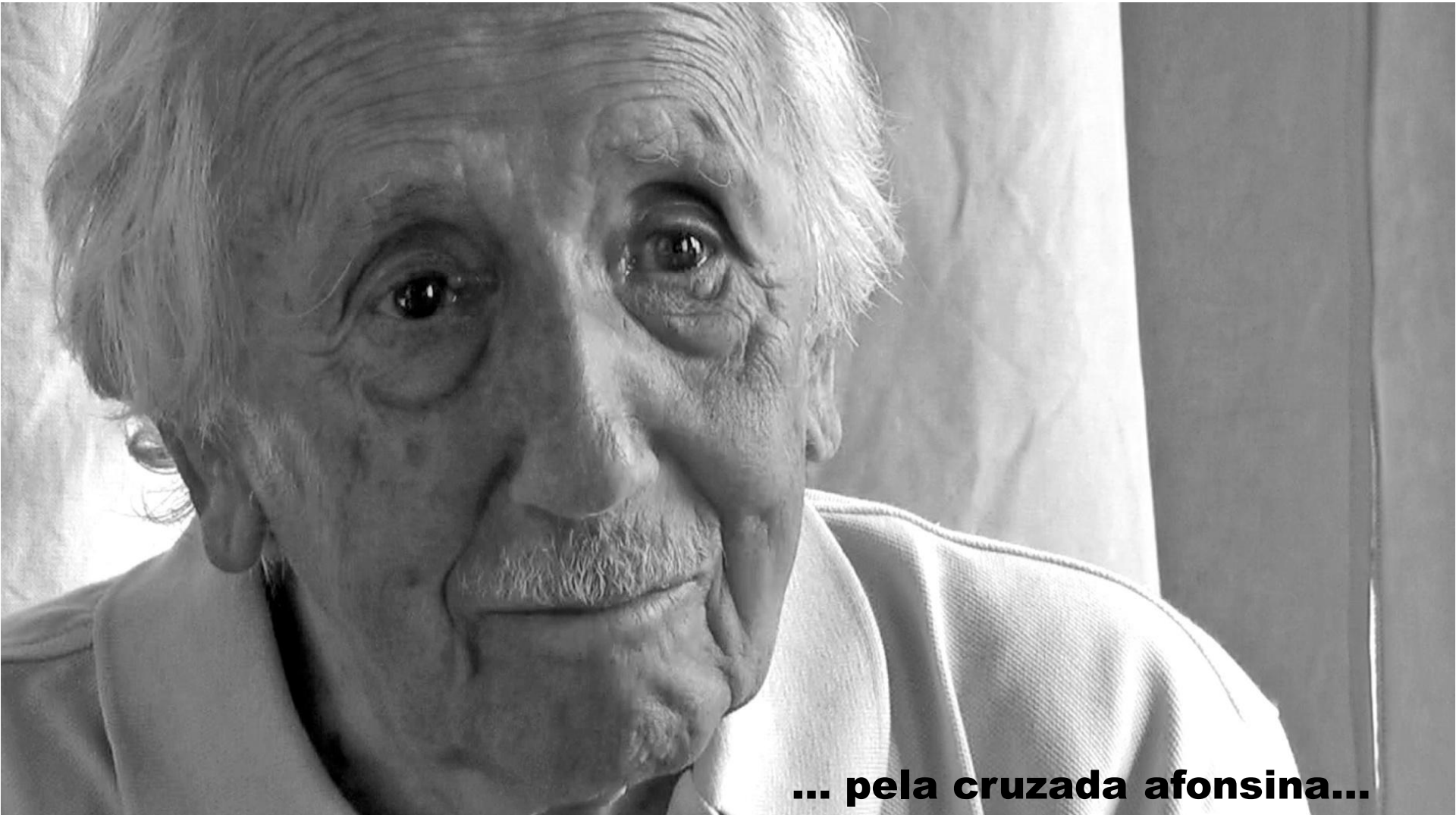


A MEMÓRIA da Casa de S. Pedro

D. Helena Barradas



A MEMÓRIA da CasaA MEMÓRIA da Casa de S. Pedro
Mestre Joaquim Correia



... pela cruzada afonsina...

CRISTINA NOBRE

Afonso
LOPES VIEIRA
na correspondência e imprensa da época



Imagens&Letras



A
LITERATURA
PARA A
INFÂNCIA
E JUVENTUDE
EM PORTUGAL:
A OBRA
POÉTICA
D
AFONSO
LOPES VIEIRA

CRISTINA NOBRE

BREVE
ANTOLOGIA
Ð
TEXTOS



Ð
AFONSO
LOPES
VIEIRA
(1878-1946)

SELEÇÃO Ð CRISTINA NOBRE

* Adivinhando a incompreensão do futuro, que de algum modo sempre tem atingido os grandes homens-poetas, ALV deixou uma poesia aos seus amigos, que não julgou digna de publicação (e permaneceu inédita até 30 de março de 1966, quando apareceu num artigo inserido no jornal O Século), em que procura, com ironia, demonstrar como por vezes os opostos parecem conjugar-se na definição de uma mesma pessoa, que a tudo isso permanece tão alheia:

SOBRE MIM MESMO

Discutir? Que maçada! Vou dizer quem sou – um pobre artista. E quanto a política sou anarquista e sebastianista.

Delicioso meu destino!
Todos dizem de mim, com graça:
Os talassas – que jacobino!
Os Jacobinos – que talassa!...

Mas alma jacobina ou acácia
exactamente igual fedor!
E eu sou entre todo este horror
um rouxinol que estuda Farmácia!



ESCOLA SECUNDÁRIA DA GÂNDARA DOS OLIVEIROS – AFONSO LOPES VIEIRA
COMEMORAÇÃO DOS 30 ANOS DA ESCALTEIRA: 22 NOVEMBRO 2012.

Folheto de cordel:
Imprima o seu e leia a poesia do Poeta

<https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/673>

NATAL AFONSINO

PARA QUEM DESEJA LER
POEMAS DE
AFONSO LOPES VIEIRA



INSTRUÇÕES

para a *campanha afonsina*
(de que serão considerados *escudeiros de honra*):

Divulgue o site
(<https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/673>),
onde se pode fazer *download legal e gratuito*
e começar a ler *Afonso Lopes Vieira!*

Faz um lindíssimo FOLHETO DE CORDEL:
se comprar folhas de papel de manteiga,
imprimir frente e verso (como lá vem, pois
está tudo alinhado) e depois dobrar ao meio
(as folhas devem ser tamanho A4) e atar OU
com um cordel OU com um fio de couro
avermelhado, pois o POETA gostaria e fica
bem com a Cruz de Cristo!



MOEL

